



IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

O ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA: PRESSUPOSTOS PARA PENSAR PRÁTICAS METODOLÓGICAS NA SALA DE AULA COM O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Jadson Pereira Viera

jadsonpv@gmail.com

Kaline Ferreira Costa

kaferreiracosta@gmail.com

Maria Regina Alves dos Rei

reginareishistoriadora@gmail.com

Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Cristina-aragão21@hotmail.com

(UEPB)

Resumo

Diante da necessidade de elaboração de recursos metodológicos e materiais didáticos que venham suprir a necessidade do ensino de História na perspectiva dos saberes africanos, apontamos neste trabalho uma possibilidade educativa que pode proporcionar condições para um maior envolvimento dos jovens nesse âmbito. Tal possibilidade remete ao uso educativo do web-site “A Cor da Cultura”, uma mídia tecnológica voltada para o estudo das singularidades africanas. Esta iniciativa constitui-se enquanto uma ferramenta possível de ser utilizada pelos professores de história nas suas vivências de sala de aula, uma vez que nos deparamos com uma lei (10639/03) normatizando o ensino de tal modalidade curricular nas escolas brasileiras, no entanto, esta ainda não faz parte da realidade escolar, tendo em vista que são poucos os espaços de sua aplicação, no que se refere à rede de ensino pública, entre as motivações que identificam tal questão está o próprio desconhecimento de materiais didáticos por parte dos professores sobre tal assunto. Portanto, nosso objetivo, com este trabalho, é discutir sobre a importância do uso de recursos metodológicos na sala de aula do ensino básico, no sentido de trabalhar os saberes relativos à História da África, tendo em vista a necessidade de meios e formas de ensinar sobre o continente africano, que ainda se constitui num espaço que necessita se ampliar discussões, sobretudo, a partir da escola. Neste sentido, apresentamos as possibilidades educacionais traçando uma discussão de como esta ferramenta poderia ser utilizada pelos profissionais nos seus ambientes de trabalho, bem como os caminhos possíveis para a problematização entre o que é visto em materiais didáticos ditos “comuns”, e este que se caracteriza antes de tudo como uma mídia eletrônica, tecnológica e, portanto diferenciada das demais. Este trabalho nasce das discussões e dos resultados preliminares do projeto de pesquisa intitulado africanidades e afro-brasilidades na lei 10639/03, que vem norteando nossos debates na perspectiva de extensão universitária.

Palavras-chave: Ensino de História. África. Lei 10.639/2003.

Introdução

Ser professor hoje vai bem além de métodos e procedimentos metodológicos tradicionais, e que estejam atrelados a uma visão não crítica, problematizadora e conscientizadora na escola, pois vivemos na era da informatização e, portanto, a era do efêmero e da liquidez conforme nos mostra BAUMAN (2007). Neste sentido seria fundamental não continuar pensando as práticas escolares do mesmo modo do passado. Diante disso o professor não deve ficar aquém destes





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

movimentos e tendências, uma vez que o mesmo se constitui como um agente social que sofre influência e é influenciado pelas nuances que permeiam o convívio dos grupos humanos.

Não sendo diferente dos demais profissionais, o professor de História necessita estar preparado para enfrentar estes novos desafios da relação ensino-aprendizagem, não se atendo mais a práticas de ensino impregnadas de vivências que não são mais realizadas pela clientela de estudantes que encontramos. O ensino metódico e factual proposto para a História no início e meados do século passado não se sustenta mais. A idéia de passividade dos estudantes deve ser substituída por uma interatividade e uma dinamicidade que são trazidas pelas novas leituras que se faz sobre o ensino. Este é nosso desafio e nossa perspectiva de trabalho ao estarmos nos propondo e debater nossas idéias neste trabalho.

Partindo deste viés epistemológico podemos traçar perspectivas de estudo para a História sobre a égide de novas metodologias no ensino, estas, se constituído como peças fundamentais na construção de um conhecimento mais democrático que incentiva uma maior criticidade dos estudantes. Por outro lado, ainda existe censura por parte de muitos professores, que vêem os novos recursos metodológicos como “armas” que podem tirar sua importância enquanto “donos” das salas de aulas e de seus alunos, tendo assim seus “lugares de poder” (**CERTEAU**) ameaçados.

Um exemplo disso é quando falamos do ensino com a utilização de ferramentas de informática pelos professores de história, como discute Cyntia França.

Dentre as causas deste problema, está à própria formação do professor e a concepção predominante de que a introdução do computador na sala de aula poderia dispensar sua presença (FRANÇA, 2010. p.3).

Os motivos que levam o professor a não se atualizar com metodologias inovadoras no contexto da sala de aula não devem ser entendidos de forma simplista, pois cairíamos no erro de tornarmos nossas respostas monolíticas e, portanto, sujeitas a contestação, devemos partir sim para a análise da conjuntura de formação que envolve este professor. O que se deve fazer, a princípio, é incentivar o uso das novas tecnologias nas mais diversas áreas, olhando sempre para o que foi proposto há algum tempo para análise sobre o ensino.

Com as diversas metodologias historiográficas inauguradas durante o século XX, o documento histórico deixou de ser a única fonte para as pesquisas, novos meios e novos objetos aos poucos foram sendo incorporadas ao ofício do historiador (LANGER, 2010.p.1)





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Essa discussão se torna importante no processo de educação porque diz respeito à efetiva postura do professor em sala de aula, o que ele pensa sobre seu “ofício” e o que deseja conseguir com isso. E é nesse ponto que trazemos a importância da utilização de meios diversos para a construção e disseminação do conhecimento no ambiente escolar, visando aspectos político-sócio-culturais, principalmente acerca do tema aqui abordado, o afro-brasileiro, ainda tão caro à sociedade como um todo.

Este texto é resultante de uma pesquisa que está em andamento, como parte das atividades desenvolvidas no projeto PROPEQ/UEPB intitulado: AFRICANIDADES E AFROBRASILIDADES NA LEI 10.639/03 – UM OLHAR PARA AS ESCOLAS QUILOMBOLAS E AS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE ENSINO DE CAMPINA GRANDE-PB: CURRÍCULO, PRÁTICA PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DOCENTE, nele analisaram não apenas as questões curriculares e de formação de professor/a atinentes à educação básica e superior que envolve as africanidades e afrobrasilidades, como também a partir delas chamamos atenção a prática pedagógica e nela a abordagem metodológica docente, como sumamente importante no saber-fazer em sala de aula.

Ensino de historia da África: reflexões sobre a prática pedagógica e a metodologia de ensino

O processo histórico educacional que legitimou por meio de símbolos e imagens (dentre outros aspectos) estereótipos que serviram de justificativa para a depreciação dos escravizados e de seus descendentes. O livro didático, repleto de imagens que misturam instrumentos de torturas como o pelourinho com a religião, danças e outros elementos próprios da cultura africana, ajudaram a forjar o imaginário sobre nossa ancestralidade negra e africana.

Consideramos um desafio desconstruir preconceitos e estereótipos que nos foram transmitidos por uma educação racista, etnocêntrica, elitista e excludente, repassada para nós, muitas vezes de maneira tão subliminar que se tornaram quase imperceptíveis. Essa é uma questão que influencia definitivamente nosso modo brasileiro de ser e de estar no mundo, no modo como enxergamos o outro, o diferente.

Essa visão causou grandes impactos na construção da identidade e subjetividade não só dos negros, como também nos brancos que buscaram apagar da nossa história todo e qualquer





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

elemento que lembrasse a origem africana, surgindo à idéia de branqueamento. As populações africanas e afro-descendentes foram submetidas a um longo processo de silenciamento. As referências à História e às culturas desses grupos eram quase inexistentes nos currículos escolares. Quando ocorriam, falava-se muito rapidamente sobre “os negros”, na qualidade de escravos, ou seja, estavam as margens da sociedade.

Nesse sentido, o mais correto seria falarmos em “culturas brasileiras”, ao invés de cultura no singular, dada a pluralidade étnica que contribuiu para sua formação. A cultura tida como dominante não conseguiu, de todo, apagar as culturas indígena e africana. Muito pelo contrário, o colonizador europeu deixou-se influenciar pela riqueza da pluralidade cultural de índios e negros. No entanto, o modelo de organização implantado pelos portugueses também se fez presente no campo da educação e da cultura.

Consideramos lamentável que a escola brasileira ainda não tenha aprendido nem conseguido conviver com essa realidade e, por conseguinte, não sabe trabalhar com as crianças e jovens dos estratos sociais mais pobres, constituídos, na sua grande maioria, de negros/as.

É preciso que se promova uma maior interatividade e uma consequente inclusão dos sujeitos históricos ditos excluídos, e o ato de valorizar aqueles que durante muito tempo foram renegados pela história. Este é, então, um dos paradigmas de tal ciência, a qual está em constante mudança, como diz Vieira:

Mostrar a coexistência de tempos históricos diferenciados e, desse modo, quebra a noção de linearidade, progresso e evolução; portanto rompe com a lógica do capital, presente trabalhos de investigação social. Traz para cena a histórica agentes sociais antes renegados e valoriza-lhes o saber e a experiência de vida, respondendo a demandas de conhecimento feitas por movimentos sociais de mulheres, de trabalhadores, de pobres e outros. (VIEIRA, 2008, p.11)

Percebemos, deste modo, que os livros didáticos, sobretudo os de história, ainda estão permeados por uma concepção positivista da historiografia brasileira, que primou pelo relato dos grandes fatos e feitos dos chamados “heróis nacionais”, geralmente brancos, ocultando, assim, a participação de outros segmentos sociais no processo histórico do país. Na maioria deles, despreza-se a participação das minorias étnicas, especialmente índios e negros. Desse modo nega-





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

se ao negro a participação na construção da história e da cultura brasileira, embora tenha sido ele a mão de obra predominante na produção da riqueza nacional.

O conhecimento da história da África e do negro poderá contribuir para se desfazer os preconceitos e estereótipos ligados ao segmento afro-brasileiro, além de contribuir para o ressignificação da auto-estima de milhares de crianças e jovens que se vêem marginalizados por uma escola de padrões eurocêntricos, que nega a pluralidade étnico-cultural de nossa formação.

Em um espaço permeado de contradições, onde se impõem políticas educacionais e projetos das mais diversas ordens, onde se questionam sobre os reais objetivos da escola, do papel do professor e do aluno, não se pode separar os problemas da educação dos problemas sociais mais gerais e dos problemas presentes no ensino de História. Apesar das diversas recomendações para a superação da prática docente convencional, presentes na maioria das escolas, existem questões culturais que demandam tempo e muito trabalho para serem alteradas no cotidiano das salas de aula. Nesse sentido, Gomes (2008, p.70) enfatiza:

Em qualquer sociedade, a construção da diversidade assume contornos diferentes de acordo com o processo histórico, relação de poder, imaginários, práticas de exclusão e inclusão que incidem sobre os diferentes sujeitos e grupos. Nesse sentido, é preciso compreender os processos históricos e culturais singulares vividos por esses grupos no contexto das desigualdades e como esses nem sempre são considerados lutam pela construção da democracia. (GOMES, 2008, P.70)

A inserção da proposta multicultural nas políticas educacionais nos currículos, nas práticas pedagógicas e na formação docente implica compreender, agir e pensar como superar as relações históricas, políticas, sociais, culturais, religiosas que desencadeiam a falta de alteridade, a exemplo de fenômenos como: discriminação, etnocentrismo, racismo, bullying, dentre outras práticas desrespeitosas.

Compreendemos que os preconceitos, os racismos e as discriminações sofridos pelos negros (as) devem ser suplantados pelo enfoque que nós, educadores em geral, daremos a africanidade brasileira, de modo que contribuamos, ao longo de um processo, para a valorização e o respeito à nossa herança africana. Sobre a etnicidade Fonseca enfatiza que:

Muitos dos traços que continuam a legitimar preconceitos existentes na sociedade Brasileira ligados a cor da pele, as feições do rosto ,ao tipo de cabelo e a uma gama infindável de elementos que qualificam ou desmerecem o individuo ,tem seu

2651





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

processo configurado pela mercantilização da escravidão, que transforma o africano em coisa, objeto de escambo ou troca monetária. (FONSECA, 2000, p. 92)

Nesse sentido, é preciso refletir acerca da diversidade cultural que se configura no contexto escolar, considerando que, para se ter uma sociedade democrática, precisamos formar cidadãos críticos, e para isso não podemos ignorar os encontros de culturas que se dão no espaço escolar.

No ensino de história, os recursos multimidiáticos possibilitam aos alunos apropriarem-se de valores que os levem a compreender o passado e fazer uma análise crítica frente ao presente. Existem infinitas atividades a serem realizadas, se forem bem utilizadas possibilitam transformar a disciplina de história em matéria dinâmica, viva, e não apenas baseada na repetição ou memorização de fatos. É de suma importância que professor faça uso das novas tecnologias, isso não significa não abandonar os antigos métodos de ensinar, mas utilizá-los dentro de uma visão pedagógica. Para Bittencourt (2004, p.30)

Podemos dizer que os materiais didáticos são mediadores do processo de aquisição de conhecimento, bem como facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina. Além da criação de materiais didáticos pelos professores, há também produções feitas pelos alunos, constituídas de textos escritos diversos, como narrativas, painéis, desenhos, jogos, mapas, maquetes etc. Esse tipo de produção por parte dos alunos consiste numa forma de criação de material didático resultante do domínio do conhecimento obtido no decorrer do processo de aprendizagem. Nessa perspectiva, a produção de materiais didáticos pelo próprio aluno deve ser uma das metas do trabalho docente. (BITTENCOURT, 2004, p.30)

As novas metodologias de ensino desenvolvidas principalmente no final do século XX buscaram oferecer alternativas no uso de fontes e materiais didáticos na construção do conhecimento coletivo. Com base nessas mudanças, novas metodologias de ensino-aprendizagem foram desenvolvidas por secretarias de educação para uma educação democrática que utilizasse diferentes fontes e materiais. Mediante as características da sociedade atual a prática docente deve fazer uso de novas fontes e materiais didáticos que possibilitem um maior envolvimento dos alunos e professores no ensino de história e, com isso, fortalecer a construção de um conhecimento coletivo que considere os conhecimentos relacionados com a história.

As mudanças culturais provocadas pelos meios audiovisuais e pelos computadores são inevitáveis, pois geram sujeitos com novas habilidades e diferentes capacidades de entender o





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

mundo. Nesse sentido, utilizar as informações da mídia televisiva ou de internet é fundamental na escola, no entanto, é preciso se preocupar em não formar seres alienados, por isso deve-se fazer uma leitura das informações e do próprio suporte de comunicação.

A valorização da diversidade está implicitamente ligada à composição de estratégias nas quais os grupos humanos e sociais diferentes passaram a destacar politicamente as suas singularidades e identidades, cobrando tratamento justo, com equidade, desmistificando a idéia de inferioridade que paira sobre as diferenças, social e culturalmente construída. Esses grupos questionam as políticas de inclusão, buscando superar a visão assistencialista que recai sobre eles, reivindicando a adoção de políticas afirmativas e objetivando garantir o respeito às diferenças.

A educação anti-racista é pensada como um recurso para melhorar a qualidade do ensino e preparar todos os alunos e alunas para a prática escolar, a educação anti-racista visa à erradicação do preconceito, das discriminações e de tratamentos diferenciados. Nela, estereótipos e idéias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e de apoio, corpo discente, docente, etc.), precisam ser duramente criticados e banidos. É um caminho que conduz à valorização da igualdade nas relações. E, para isso, o olhar crítico é a valorização da igualdade nas relações. Almeja, nesse sentido, possibilitar aos indivíduos pertencentes ao grupo de atingidos pelos preconceitos a reconquista de uma identidade positiva, dotada de amor e orgulho próprios. Nela é permanente o combate aos sentimentos de inferioridade e superioridade, visto que a palavra máxima da educação anti-racista é a igualdade entre os seres humanos (CAVALLEIRO, 2001, p. 149-150).

O principal alvo de uma educação anti- racista é a construção de uma sociedade mais digna e democrática para todos, que reconheça e respeite a diversidade. Nesse sentido, é preciso repensar o ensino de História e os demais saberes do conhecimento que podem contribuir com essa discussão, a fim de dar maior visibilidade à participação e à contribuição das populações negras no processo de formação da sociedade Brasileira dando ênfase as suas manifestações culturais. Isso possibilitará aos estudantes não só o conhecimento da história dos africanos e de seus descendentes no Brasil, mas também sua valorização.

O preconceito racial faz-se presente na escola e precisa ser combatido. Essa instituição deve se desprender dessa lógica de segregação racial tão enraizada em nossa sociedade, que sustenta a desigualdade e o preconceito racial. É necessário que as discussões sobre o racismo e as relações raciais “entrem” na escola, que a história dos negros, suas manifestações culturais e religiosas,





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

sejam tratadas com a dignidade que lhes é devida, que crianças e adolescentes, negros ou não negros, entendam a importância e influência desses povos na formação do nosso país, bem como o potencial criativo da ancestralidade africana e sua influência cultural, histórica e social no Brasil.

SANTOS 2005, apud NASCIMENTO coloca que:

O sistema educacional [brasileiro] é usado como aparelhamento de controle nesta estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro – elementar, secundário, universitário – o elenco das matérias ensinadas, constitui um ritual da formalidade e da ostentação da Europa, e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características, do seu povo, foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Quando há alguma referência ao africano ou negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra. Tampouco na universidade brasileira o mundo negro-africano tem acesso. O modelo europeu ou norte-americano se repete, e as populações afro-brasileiras são tangidas para longe do chão universitário como gado leproso. Falar em identidade negra numa universidade do país é o mesmo que provocar todas as iras do inferno, e constitui um difícil desafio aos raros universitários afro-brasileiros (NASCIMENTO, 1978, p. 95).

Neste sentido, o ensino de História da África acoplado a ferramentas tecnológicas, a partir de web sites (caso aqui trabalhado) e demais sítios eletrônicos que trazem conhecimentos africanos e opiniões diversas sobre o assunto, pode permitir uma otimização dos resultados esperados pelo professor, possibilitando aberturas para mudanças.

Sabendo da grande importância e influência da internet no mundo dos estudantes, a organização escolar não deve fugir ao uso desta ferramenta em seu cotidiano, mas antes incorporar os saberes que se proliferam cada dia mais no mundo virtual e promover meios para utilizá-la de maneira crítica e consciente. Sobre a importância dessas mídias tecnológicas e o papel do ciberespaço na sociedade, discute Levy:

Com esse novo suporte de informação e de comunicação emergem gêneros de conhecimento inusitados, critérios de avaliação inéditos para orientar o saber, novos atores na produção e tratamento dos conhecimentos. Qualquer política de educação terá que levar isso em conta. (LEVY, 1999, p. 167)

Aqui devemos focar no fato de haver uma gama de assuntos relativos à cultura africana nessas mídias tecnológicas, muitos deles de cunho preconceituoso e totalmente destoados das visões críticas e democráticas, guardando em si impressões preconceituosas que podem a vir





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

afirmar a exclusão sócio-cultural africana. Por outro lado, outros hipertextos são felizes ao levantarem a bandeira da luta e do reconhecimento de tal cultura, permitindo que esses espaços de troca de conhecimentos sejam vistos e acessados por muitos.

Com isso, podemos entender o papel do professor no uso dessas metodologias tecnológicas: ele age como uma espécie de “filtro”, onde “deixa passar” o conhecimento que está comprometido com a alteridade, e “impede a passagem” de tudo aquilo que possa consistir em negação da alteridade. A internet é um mundo de notícias, imagens, vídeos, assuntos, mas, informação por informação não possui serventia se não for analisada por meio de bases teóricas comprometidas com o bem-estar social e afirmação desses grupos, daí a necessidade de um “mediador”.

Nesta abordagem alteram-se principalmente os procedimentos didáticos, independente do uso ou não das novas tecnologias em suas aulas. É preciso que o professor, antes de tudo, se posicione não mais como o detentor do monopólio do saber, mas como um parceiro, um *pedagogo*, no sentido clássico do termo, que encaminhe e oriente o aluno diante das múltiplas possibilidades e formas de se alcançar o conhecimento e de se relacionar com ele. (KENSKI, 1997, p. 68)

Trazer o mundo para a escola através das tecnologias digitais, buscando nelas assuntos que fomentem o conhecimento crítico dos estudantes, e no caso aqui trabalhado, buscando informações diversas sobre o tema africano, com aspectos que mostrem toda a diversidade, diferenças e semelhanças entre as sociedades, é buscar a relação do que é anotado no caderno com o mundo lá fora, fazendo o conhecimento se encontrar com a vida, mostrando que as tradições africanas estão mais incutidas em nós do que imaginamos, tornando isso um ponto-chave na discussão de tal assunto, uma vez que é necessário se conhecer primeiro para depois tomar conclusões (as quais também não precisam ser definitivas).

A prática conteudista na escola, sem problematização do assunto com o alunado não é interessante, pois não se deve perceber as coisas de maneira isolada, e assim as tecnologias digitais, na medida em que são inseridas no cotidiano escolar, possibilita que os escolares tenham acesso às informações a cada segundo, e estas devem ser bem-vindas também no ambiente escolar, para ser “mediada” por profissionais que tem o dever de promover as interpretações do que se chega com rapidez e se torna efêmero a cada nova notícia que surge. Tendo em vista estas questões em torno do ensino de História da África, e a maneira como o conhecimento sobre o

2655





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

continente e nossa ancestralidade africana são fundamentais na construção do conhecimento histórico escolar, que apresentamos as possibilidades educativas do projeto Cor da Cultura veiculado pelo Canal Futura, na discussão e abordagem de questões relativas à questão africana na escola.

O projeto “A Cor da Cultura” como uma fonte histórica para o ensino de História da África permite que as informações acerca da História da África sejam trabalhadas tendo como aporte os recursos da mídia áudio-visual possibilitando assim, uma aprendizagem significativa dos saberes africanos.

O projeto a Cor da Cultura é uma parceria entre o Canal Futura, a Petrobras, o Cidan – Centro de Informação e Documentação do Artista Negro, a TV Globo e a Seppir – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, esse projeto teve seu início em 2004 e, desde então, tem produzido produtos audiovisuais, ações culturais e coletivas promovendo a valorizando da história afro-brasileira.

Tratando mais especificamente do web-site “A cor da Cultura”, podemos dizer que se trata de um elemento da internet construído a partir de hipertextos que se tornam interessantes e, até certo ponto, eficientes no sentido de trazer a atenção do estudante para o mundo afro-brasileiro, que é aí abordado em seus mais diversos símbolos, aparecendo uma África envolvida em um ambiente cultural cheio de singularidades interessantes, onde a tradicional discussão sobre escravização deixa de ser o único assunto abordado para abrir espaço aos saberes, costumes, ritos, e modos de organização da cultura africana, promovendo, assim, uma visão crítica e “inovadora” acerca dos diversos temas abordados no tal web site.

A coleção vem dividida em alguns eixos, cada qual abordando um aspecto específico do modo como trabalhar determinadas questões da cultura africana, acabando por trazer uma série de metodologias (danças, músicas, vestimentas, jogos, etc) a serem utilizadas pelo professor, metodologias estas que fogem ao padrão do usualmente praticado nas escolas, uma vez que utiliza novos olhares sobre tal tema. Prova disso são os títulos que cada caderno de textos ostenta, como, por exemplo, ***Caderno de Textos. Saberes e Fazeres. Modos de Ver***, ou ***Caderno de Textos. Saberes e Fazeres. Modos de Sentir***. Damos destaque então para o efeito das frases *Modos de Ver* e *Modos de Sentir*, o que já se transforma, por si só, em uma inovação, quebrando com a idéia de





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

distanciamento da cultura afro-brasileira a partir do momento que convida o leitor a VER e SENTIR a África e a Afro-brasilidade.

Assim, ao abordar a África com um novo olhar (mais crítico e lúdico), este hipertexto possibilita ao professor trabalhar com seu público alvo sobre um tema que ainda está sendo negligenciado, apesar da lei obrigando-o a ser estudado nos estabelecimentos de ensino, e, ao mesmo tempo, ter uma ferramenta que lhe dá possibilidades diversas de fazer esse trabalho. Se a desculpa pela negligência é a falta de material, temos aí um ótimo, se é a falta de metodologias, este mesmo material o oferece uma diversidade de maneiras de trabalhar tal tema, e se é a falta de interesse dos próprios estudantes, temos também a ferramenta tecnológica, “terreno conhecido” dos mesmos, e por isso mais provável de atrair sua atenção. Resta, então, preparo do educador e incentivo da instituição escolar, e os próximos passos serão dados conforme o caminho que for surgindo à frente.

Em se tratando das metodologias, é preciso frisar de antemão que, além da escola (e do sistema em geral) ter o dever de promover uma infra-estrutura adequada aos procedimentos educacionais, o professor deve, por sua vez, adotar essa postura dinâmica frente aos recursos tecnológicos, necessitando de um preparo antecipado.

Antes de tudo a esse professor devem ser dadas oportunidades de conhecimento e de reflexão sobre sua identidade pessoal como profissional docente, seus estilos e seus anseios. Em uma outra vertente, é preciso que este profissional tenha tempo e oportunidades de familiarização com as novas tecnologias educativas, suas possibilidades e limites para que, na prática, faça escolhas conscientes sobre o uso das formas mais adequadas ao ensino de um determinado tipo de conhecimento, em um determinado nível de complexidade, para um grupo específico de alunos e no tempo disponível. (KENSKI, 1997, p. 69)

A metodologias indicadas no web-site são diversificadas, cabendo ao professor escolher a que melhor se adéque ao contexto da sala de aula. Trabalhar com músicas africanas, danças, mostrar seus diversos instrumentos musicais, teatralizar um casamento típico e outros rituais de passagem, são algumas das possibilidades trazidas pelo supracitado hipertexto. O fato de ser uma mídia tecnológica faz com que a sensação de “inclusão” seja mais real, tanto para professores quanto para estudantes, que podem ter acesso a qualquer momento e se sentirem impulsionados a conhecer mais.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Dentre outros aspectos importantes, o livro ressalta a necessidade de se estudar e debater sobre diversidade e desigualdade, e vai mais além ao adentrar nas singularidades, signos e significados da cultura negra, na África e no Brasil, tratando de temas ainda muito polêmicos como a religiosidade afro-brasileira.

Assim, um material como este é de extremo interesse para os educadores, uma vez que possibilita um ensino mais lúdico e eficaz, se utilizado do modo correto. Salvo todas as críticas que devem ser feitas a qualquer tipo de material produzido por instituições de poder, pode-se afirmar que este é, ao menos, uma alternativa interessante ao já enfadonho e reduzido livro didático. Além de trazer assuntos dos mais variados também trilha possíveis caminhos pelos quais o professor pode caminhar, ou seja, especifica metodologias a serem adotadas e como utilizá-las.

O interessante é que este material não se encontra acessível apenas aos professores, mas, estando disponível na internet, o aluno pode procurá-lo a qualquer momento e fazer uso dele, daí a importância da internet na difusão do conhecimento africano. Diante dessa grande influência exercida por tais tecnologias, e tendo em vista o surgimento das novas linguagens pedagógicas em conjunto com a reformulação sobre o que poderia ser considerada fonte histórica, o ensino de história necessita inserir paulatinamente em sua prática esse recurso, o qual passou a representar mais uma ferramenta metodológica de incentivo ao conhecimento.

Estando esse material on-line, abre-se a possibilidade de levar o estudante ao interesse por tal assunto no espaço onde ele está mais habituado, familiarizado, a internet, e aos que não têm acesso, esta é uma ótima oportunidade de inclusão digital naquelas escolas que dispõem de tal aparato tecnológico para o corpo discente. Já nos casos mais críticos, onde nem os alunos têm acesso nem a escola dispõe de sala de informática, fica a dica para políticas de inclusão também.

Com um material que fala de cor, roupa, música, indumentárias, casamentos e demais aspectos sob a perspectiva afro, abre-se um leque de possibilidades de educação, no sentido amplo do termo, onde o estudante pode passar a entender que é importante cuidar de si é também cuidar do outro, educacionalmente falando, e vice-versa, pois cada gesto tem um desdobramento infinito, e que este desdobramento vai recair sobre ele, tendo então que ser criada uma rede de conhecimento e respeito mútuo, evitando-se, desse modo, cenas e idéias preconceituosas.





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

Sendo uma alternativa a métodos ortodoxos para ensinar, a internet permitiu, de certa forma, que as análises cognitivas passassem da fase individual para a fase global, ou seja, estamos diante de uma rede onde somos convocados o tempo inteiro a interagir com o mundo, não mais num espaço limitado, mas no espaço mundial, dando a sensação de totalidade, em contraposição à de fragmentação causada por “grades curriculares” e disciplinas divididas.

Seguindo o mesmo pensamento, o material supracitado revela a possibilidade de estímulo ao aprendizado, pois os temas encerrados em suas páginas (que também estão nas telas dos computadores) propiciam o debate em escolas que precisam construir um ambiente democrático de convívio ético para depois produzir conhecimento.

Falar sobre diversidade e diferença exige um posicionamento contra os processos de colonização e dominação que pautam as relações de poder. Para tal, é importante perceber como nos diferentes contextos históricos, políticos sociais e culturais, algumas diferenças foram inferiorizadas e os preconceitos, violência e discriminação, foram naturalizados. Nesse sentido destacamos a importância de um pequeno gesto na construção de uma educação anti-racista, a não omissão, a “quebra” do silêncio, uma espécie de incentivo para uma sociedade que seja um lugar de respeito à diversidade racial, social e cultural presente em nosso cotidiano.

Considerações finais

Pensar a utilização das mídias eletrônicas em sala de aula e especificamente no ensino de história é pensar a importância da interatividade, para a construção cognitiva e crítica dos estudantes, a utilização destas novas mídias eletrônicas na verdade é apenas uma adequação das práticas docentes às realidades educacionais do mundo atual, vejam o que discute KENSKI ao ser questionado sobre o papel destas novas mídias.

As tecnologias, em todos os tempos, alteram as formas de retentiva e lembrança, funções usuais com que os homens armazenam e movimentam suas memórias humanas, seus conhecimentos. Na atualidade, as novas tecnologias de comunicação não apenas alteram as formas de armazenamento e acesso das memórias humanas como, também, mudam o próprio sentido do que é *memória*. Através de imagens, sons e movimentos apresentados virtualmente em filmes, vídeos e demais equipamentos eletrônicos de comunicação, é possível a fixação de imagens, o armazenamento de vivências, sentimentos, aprendizagens e

2659





IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa – 31/07 a 03/08/2012 – Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-7745-551-5

lembranças que não necessariamente foram vivenciadas *in loco* pelos seus espectadores (KENSKI, 1997, p.59)

O lugar que a memória ocupa hoje na nossa sociedade, esta relacionado diretamente ao fato que estarmos nos condicionado enquanto seres cada vez mais dependentes da informação, tal realidade é tão persente que não conseguimos perceber um mundo dito moderno sem a internet e a informação que a mesma traz atrelada a se.

Neste sentido, é necessário que questões de ordem polemicas na sociedade tenham na internet um espaço de divulgação mais democrático e participativo, e neste sentido , é problematiza,os em nossa produção a importância de tal ferramenta na consolidação de políticas afirmativas com relação ao negro nos dias atuais, utilizando para isto o web-site supra mencionado nestes relatos.

Referências

BETTENOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de historia: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane (org). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Visibilidade e ocultação da diferença. Livro: Brasil Afro-Brasileiro. Org. Maria Nazareth Soares Fonseca. Ed. Autentica. Belo Horizonte. 2000.

GOMES, Nilma Lino. A questão racial na escola: Desafios colocados pela implementação da lei 10.639/2003. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Disponível em<<http://www.acordacultura.org.br/>> Acesso em 22 de abril de 2012.

KENSKI, Vani Moreira. **Novas tecnologias. O redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente.** São Paulo: 1997.

LEVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34 Ltda., 1999.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. **A pesquisa em história.** 5. Ed, São Paulo-SP.

